

# MAIS DEFINIÇÕES EM TRÂNSITO

## HEGEMONIA (Yuri Brunello)

A hegemonia é a capacidade revelada por um ou mais grupos sociais de dirigir outros grupos sociais através do consentimento. Tornar-se hegemônico significa conseguir uma posição de supremacia na sociedade, passando a dominá-la através da força, das instituições do Estado e do governo político. Numa hegemonia dinâmica, ao lado dos grupos dominantes e dirigentes, há grupos sociais antagônicos que tentam alcançar essa condição de direção intelectual e moral, mas, se não conseguem um consentimento majoritário em relação aos grupos dirigentes, continuam sendo submissos. Por essa razão, a idéia central na dinâmica da hegemonia é o consentimento. O consentimento é o fundamento das relações de qualquer grupo social, haja vista que um grupo social se forma no momento em que algumas pessoas compartilham princípios e comportamentos, visões da realidade e da existência.

A hegemonia pressupõe a participação. Participação em um projeto intelectual e moral, em uma concepção da existência. Estudar a hegemonia significa compreender a estrutura de uma sociedade na riqueza das suas articulações culturais, que - para utilizar uma classificação de Stuart Hall - são “o terreno das práticas, representações, linguagens e costumes concretos de qualquer sociedade historicamente específica” (Hall, 2003, p. 313). Pontos de vista que, se avaliados com atenção, podem mostrar toda a amplitude dos relacionamentos entre essas estratificações da sociedade num sentido tanto sincrônico, ou seja, circunscrito à estrutura mesma, quanto diacrônico, ou seja, próprio do desenvolvimento cronológico das estruturas sociais. É forte o valor da diacronia, por que a história do homem é uma história de hegemonias, de lutas para ganhar consentimento.

### *Culturas e identidades deslocadas: a hegemonia da Ausência*

No mecanismo dessa luta, o indivíduo pode participar ativamente. Mas nem sempre. É o que acontece no caso da pós-modernidade (ver a contribuição ao debate sobre o pós-modernismo no livro de Jameson, 1989). A situação social e cultural pós-moderna da hibridação é paradigmática. Na mestiçagem, no sincretismo, no crioulisto não há nenhum espaço para a contradição. Como sustém Lícia Soares de Souza: “Falar

# MAIS DEFINIÇÕES EM TRÂNSITO

de cultura global significa destacar o fluxo de informações, conhecimentos e imagens diversos, mas também examinar as formas de apologia da homogeneidade e da integração cultural unilateral que vêm, de alguma forma, cristalizar as idéias pré-concebidas manchadas de interpretantes dominadores. Nessa perspectiva, vai germinando uma rejeição à lógica binária que tem marcado os trabalhos que abordam a cultura através de termos mutuamente exclusivos como unidade/diversidade, integração/desintegração, homogeneidade/heterogeneidade. Nesta mentalidade, ocorre novos redimensionamentos das relações entre tradições e modernidade que vêm mostrar que um termo não elimina o outro, mas devem caminhar juntos para o reconhecimento de um *globo* realmente plural, tolerante, e pacífico” (Souza, 2006, p. 184).

A contradição, em suma, é puramente interna ao sujeito pós-moderno. Trata-se de uma postura teórico-cultural não-dialética, porque sem antítese. Escreve Canclini: “As políticas de hibridação serviriam para trabalhar democraticamente com as divergências, para que a história não se reduza à guerra entre culturas, como imagina Samuel Huntington. Podemos escolher viver em estado de guerra ou em estado de hibridação” (Canclini, 2003, p. XXVII). Se no mundo contemporâneo há práticas de luta dialéticas, antitéticas (no Iraque, por exemplo, ou na Palestina, ou no Brasil dos favelados, negros, sem terra, excluídos dos direitos de cidadania básicos, como educação e acesso à saúde), a escolha da teoria pós-moderna é a da hibridação. Muito oportunamente, Maria Cândida Ferreira de Almeida, reconstruindo, de um ponto de vista literário, a história da mestiçagem, mostra como o racionalismo unificador dos colonizadores se contrapôs à pluralidade cultural dos colonizados, sem, todavia, esquecer que a pluralidade mestiça mesma é utilizada também em sentido reacionário. Ela escreve: “Como estratégia teórica para a literatura e para todo o pensamento brasileiro, a mestiçagem possuía um papel conciliatório, cunhada para amenizar uma sociedade dividida entre escravos, índios e alguns poucos brancos que detinham a maior fatia de poder. Quando Von Martius escreveu sua receita sob o título ‘Como se deve escrever a história do Brasil’, ressaltava duas questões consideradas importantes para tal empreendimento: a união em torno do poder monárquico; ou seja colocando o foco nas relações políticas, e na presença da ‘mescla de raças’ nas classes ditas baixas; ambos os pontos são tecidos sobre o apelo à tolerância, à confraternização, e a união do país” (Cândida, 2006, p. 9). A consequência de tudo isso? A contradição, que caracterizou a

# MAIS DEFINIÇÕES EM TRÂNSITO

modernidade, foi substituída por outros princípios. Um autor como Homi Bhabha muitas vezes enfrentou o assunto, criando a oposição entre os conceitos de negação e negociação. Em *O local da cultura*, afirma: “Com a palavra negociação, tento chamar a atenção para a estrutura de *iteração* que embasa os movimentos políticos que tentam articular elementos antagônicos e oposicionais sem a racionalidade redentora da superação dialética ou da transcendência” (Bhabha, 2005, p. 52). E continuando na desvalorização da dialética e na valorização de um dialogismo adialético, circularmente conversacional, citando Fanon para depois apresentar o exemplo concreto da luta e libertação argelina: “Para Fanon, o grupo liberatório que inicia a instabilidade produtiva da mudança cultural revolucionária é ele mesmo portador de uma identidade híbrida. Seus elementos estão presos no tempo descontínuo da tradução e da negociação [...] No momento da luta liberatória, o povo argelino destrói as continuidades e constâncias da tradição nacionalista que fornecem uma salvaguarda contra a imposição cultural colonial. Eles estão livres agora para negociar e traduzir suas identidades culturais na temporalidade descontínua, intertextual, da diferença cultural. O intelectual nativo que identifica o povo com a verdadeira cultura nacional ficará desapontado. O povo é agora o próprio princípio de ‘reorganização dialética’ e constrói a sua cultura a partir do texto nacional traduzido para formas ocidentais modernas de tecnologia de informação, linguagem, vestimenta” (Bhabha, 2005, p. 68-69).

É evidente, sobretudo com essa última referência à “informação, linguagem, vestimenta”, como o conceito bhabhiano de negociação tenha também entres seus padrões, embora não explicitamente declarada, a idéia de circulação da mercadoria, o princípio do mecanismo econômico da troca. Falando da “circulação do signo” – e a escolha da palavra circulação constitui uma confirmação da analogia entre a negociação do hibridismo cultural e a troca mercantil – Bhabha introduz também o conceito de entretempo, “a emergência de uma forma de temporalidade social que é interativa e indeterminada”, ou seja, uma temporalidade que se coloca nos intervalos da História.

Esse contexto da linha pós-estruturalista dos Estudos Culturais confere à noção de hegemonia um perfil muito interessante. Autores como Bhabha, Hall e Canclini falam com freqüência de hegemonia, mas a idéia que eles têm sobre este conceito é insólita: uma hegemonia da ausência. E o que está ausente? A abertura em direção à transformação, a abertura para uma outra configuração social, para um outro bloco

# MAIS DEFINIÇÕES EM TRÂNSITO

histórico. A interpretação que Hall realiza da hegemonia é declaradamente caracterizada pela “falta”: “a falta de correspondência”, escreve Hall, “entre as dimensões econômica, política e ideológica. Mas gostaria agora de enfatizar as conseqüências políticas dessa não-correspondência. Ela tem o efeito teórico de nos forçar a abandonar as construções esquemáticas de como as classes *deveriam* se comportar politicamente, num nível ideal e abstrato, em vez do estudo concreto de como elas *de fato* se comportam, em condições históricas reais. Uma das conseqüências do velho modelo de correspondência é que a análise das classes e de outras forças sociais *enquanto* forças políticas e o estudo do terreno da própria política tornaram-se uma atividade um tanto automática, esquemática e residual” (Hall, 2003, p. 312).

Essa “não-correspondência” entre infra-estrutura (economia) e superestrutura (ideologia, política) demonstra como essa hegemonia da ausência pensa a realidade como circular, fechada, cuja única história seja aquela do “entretempo”, baseada sobre o conceito, de forte sabor deleuziano, de repetição: uma história abstrata, sem determinação. Uma história parada na temporalidade “intervalar” porque presa entre os limites de um só bloco histórico, neoliberal, liderado pelas grandes empresas transnacionais. Um bloco social que a “não-correspondência” entre infra-estrutura e superestrutura não ajuda a superar. A transformação, nessa lógica, só pertence à superestrutura, onde acontece o jogo das hibridações. A infra-estrutura, pelo contrário, permanece ileso nesse alternar-se de modificações superestruturais: ela existe na história e não nos hibridados intervalos históricos. Perfeito para esclarecer esse conceito, resulta o seguinte trecho de Canclini: “Como a hibridação funde estruturas ou práticas sociais discretas para gerar novas estruturas e novas práticas? Às vezes, isso ocorre de modo não planejado ou é resultado imprevisto de processos migratórios, turísticos e de intercâmbio econômico ou comunicacional. Mas, freqüentemente, a hibridação surge da criatividade individual e coletiva. Não só nas artes, mas também na vida cotidiana e no desenvolvimento tecnológico. Busca-se *reconverter* um patrimônio (uma fábrica, uma capacitação profissional, um conjunto de saberes e técnicas) para reinseri-lo em novas condições de produção e mercado. [...] Também são encontradas estratégias de reconversão econômica e simbólica em setores populares: os imigrantes camponeses que adaptam seus saberes para trabalhar e consumir na cidade ou que vinculam seu artesanato a usos modernos para atrair compradores urbanos; os operários que

# MAIS DEFINIÇÕES EM TRÂNSITO

reformulam sua cultura de trabalho ante às novas tecnologias produtivas; os movimentos indígenas que reinserem suas demandas na política transnacional ou em um discurso ecológico e aprendem a comunicá-las por rádio, televisão e *internet*” (Canclini, 2003, p. XXII). Além da grande quantidade de elementos do esquema da circulação das mercadorias (de produção e mercado, dessa vez, fala-se explicitamente), qual o resultado de um fenômeno que assim se apresenta? O imigrante camponês permanece um imigrante camponês, o operário, um operário explorado, e o índio, um índio marginalizado. Do ponto de vista da arte, essa idéia de uma hegemonia imóvel foi bem definida por Jameson: “Em um mundo no qual a inovação estilística não é mais possível, tudo o que resta é imitar estilos mortos, falar com as vozes dos estilos no museu imaginário. Mas isso significa que a arte pós-moderna ou contemporânea se pautará pela própria arte de um modo novo; mais ainda, significa que uma de suas mensagens essenciais envolverá a falência necessária da arte e da estética, a falência do novo, o aprisionamento no passado” (Jameson, 2006, p. 25).

Cabe ainda uma outra observação. A “iteração” do hibridismo, que Bhabha contrapõe à “racionalidade redentora da superação dialética” e o dialogismo não-dialético da negociação, que substitui a idéia de conflito, produzem conseqüências na concepção da identidade individual. O indivíduo pós-moderno não é participante, é participado. Na pós-modernidade, o ‘eu’ sofre um forte processo de “deslocamento”: “o descentramento final do sujeito cartesiano”. (Hall, 2005, p. 34). A identidade individual torna-se, dessa forma, aberta, contraditória, fragmentada. É Hall que ainda observa: “o ‘eu’, que escora essas formações ideológicas, não é um sujeito unificado, mas contraditório, uma construção social” (Hall, 2003, p. 314). Quais são as ações que uma subjetividade que assim se revela pode realizar? Uma delas ocorre: o consentimento. Passivo.

*A transformação através da cultura. A Hegemonia da Presença.*

Da mesma forma em que pode haver um consenso passivo, pode haver também participação ativa dos indivíduos na sociedade. É neste ponto que, em oposição à hegemonia da ausência, intervém o conceito de hegemonia da presença. O autor que fundou esse paradigma conceitual, que apelidamos de “hegemonia da presença”, foi o

# MAIS DEFINIÇÕES EM TRÂNSITO

filósofo e político italiano Antonio Gramsci. O fenômeno da transição revolucionária de um bloco histórico para um outro é bem claro. Para criar-se um bloco histórico – aliança de diferentes grupos sociais em torno de um projeto compartilhado – um o mais grupos sociais devem tornar-se verdadeiramente hegemônicos, ou seja, capazes de elaborar uma visão do mundo que consiga adesões de outras camadas, que seja acolhida pelo maior número possível de componentes da sociedade, que assegure aos indivíduos encontrar as respostas aos problemas mais urgentes, tornando-os sinceramente convencidos a participar do projeto moral, político e cultural que esse ponto de vista propõe. Nesse contexto, Raymond Williams, intelectual que, com outros pensadores como Fredric Jameson, é um dos autores dos Estudos Culturais de formação marxista e não pós-estruturalista, contrariamente a Hall, Bhabha e Canclini, observa: “A hegemonia vai além da cultura [...] em sua insistência em relacionar todo o processo social com distribuições específicas de poder e influências”. Em função disso, pode-se sustentar que “ainda podem ser vistas como elementos de uma hegemonia: uma formação cultural e social inclusiva que, na verdade, para ser efetiva, tem de ampliar-se e incluir toda essa área de experiência vivida, até mesmo para formá-la e ser formada por ela” (Williams, 1979, pp. 111-114).

Se Stuart Hall acredita que entre infra-estrutura e superestrutura não há correspondência, se o marxismo ortodoxo achava que a superestrutura dependia da infra-estrutura, Gramsci tem a convicção de que a infra-estrutura, às vezes, pode depender da superestrutura. E que entre infra-estrutura e superestrutura a correspondência é extremamente evidente. “Se estas três atividades [Filosofia, política e economia] são os elementos constitutivos de uma mesma concepção do mundo, deve existir necessariamente, em seus princípios teóricos, convertibilidade de uma na outra, tradução recíproca na linguagem específica própria de cada elemento constitutivo: um está implícito no outro e todos, em conjunto, formam um círculo homogêneo”. (Antonio Gramsci, 2004, p. 209). Gramsci, em suma, liga fortemente as dimensões econômica, política e ideológica.

Gramsci chegou a afirmar que a cultura e a arte vêm antes do Estado e o fundamentam. No caderno 15, de 1933, o filósofo italiano, se referindo a Gherardo Casini, diretor do “Lavoro fascista”, escreve: “Não consegue definir as relações entre política e literatura no terreno da ciência e da arte política, nem tampouco no da crítica

# MAIS DEFINIÇÕES EM TRÂNSITO

literária. Não sabe indicar praticamente como possa ser colocada e conduzida uma luta ou auxiliado um movimento visando ao triunfo de uma nova cultura ou civilização, afirmada como já existente, possa não ter uma expressão literária e artística própria, possa não se expandir na literatura, na medida em que sempre ocorreu o contrário na história; ou seja, que *toda nova civilização, enquanto realmente nova, ainda que reprimida, combatida, obstaculizada de todos os modos, expressou-se precisamente antes na literatura que na vida estatal, ou melhor, sua expressão literária foi o modo de criar as condições intelectuais e morais para a expressão legislativa*". (Antonio Gramsci, 1965, p. 87; grifo nosso).

A mencionada fundação de uma nova civilização através da cultura se torna possível por meio do que a cultura pós-moderna combate, ou seja o eu forte, o desenvolvimento da individualidade. Em relação a identidade individual, a atitude de Gramsci não deixa espaço para equívocos. O indivíduo, dotado de uma subjetividade forte, tem um papel central no pensamento gramsciano. "Luta contra o individualismo é luta contra um *determinado* individualismo, com um determinado conteúdo social, e precisamente contra o *individualismo econômico* num período em que ele se tornou anacrônico e anti-histórico [...] Que se lute para destruir um conformismo autoritário, tornado retrógrado e embaraçoso, e se chegue ao homem-coletivo através de uma fase de desenvolvimento da individualidade e da personalidade crítica é uma concepção dialética difícil de ser compreendida pelas mentalidades esquemáticas e abstratas" (Gramsci, 2004, pp. 289-290). (Antonio Gramsci, *Quaderni del carcere*, volume secondo, Torino, Einaudi, 2001, p. 1110-11). Porque só o indivíduo singular, com a força crítica da sua razão, pode criar e difundir uma nova visão do mundo, uma transformação da realidade. Dizia Foucault, se referindo aos *nouveaux philosophes*. Para os *nouveaux philosophes*, segundo Foucault – "O patrão é sempre o dono. E, aconteça o que for, nós estamos na jaula [...] Se eu nunca digo o que tem que ser feito, não é porque nada precise ser feito; pelo contrário, é porque penso que há mil coisas a serem feitas, inventadas e forjadas" (Foucault-Trombadori, 1999, p. 120; a tradução é nossa). Como Foucault, com sua individualidade crítica e criativa – e, paradoxalmente, sendo um dos grandes teóricos do sujeito descentrado – fiz como qualquer um pode fazer, não esquecendo que – "gramscianamente" - transformar a cultura, criar uma nova

# MAIS DEFINIÇÕES EM TRÂNSITO

hegemonia, uma concepção diferente do mundo significa também mudar as relações de produção da sociedade anterior.

## **Referências Bibliográficas:**

- BHABHA, Homi. *O local da cultura*, Belo Horizonte, Editora Ufmg, 2005.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas híbridas*, Sao Paulo, Edusp, 2003.
- FERREIRA DE ALMEIDA, Maria Cândida. *Astúcias e dilemas da mestiçagem: a “raça infeliz” como incômodo*, (inédito)
- FOUCAULT, Michel, TROMBADORI, Duccio. *Colloqui con Foucault*, Roma, Castelvecchi, 1999.
- GRAMSCI, Antonio, *Cadernos do cárcere*, 6 voll., Rio de Janeiro, Civilização brasileira, 2004.
- GRAMSCI, Antonio, *Literatura e vida nacional*, Rio de Janeiro, Civilização brasileira, 1965.
- HALL, Stuart. *Da diáspora*, Belo Horizonte, Editora Ufmg, 2003.
- HALL, Stuart, *A identidade cultural na pós modernidade*, Rio de Janeiro, DP&A Editora, 2005.
- JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo*, Sao Paulo, Editora Atica, 1997.
- JAMESON Fredric, *A virada cultural*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2006.
- SOUZA, Licia S. *Introdução às teorias semióticas*, Petrópolis, Editora Vozes, 2006.
- WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1979.